

APROXIMAÇÕES E REFLEXÕES DIANTE DA “PEDAGOGIA DO VÍRUS”

APPROACHES AND REFLECTIONS ON THE “PEDAGOGY OF THE VIRUS”

ENFOQUES Y REFLEXIONES SOBRE LA “PEDAGOGÍA DEL VIRUS”

SANTOS, BOAVENTURA DE SOUSA. “A CRUEL PEDAGOGIA DO VÍRUS”. PORTUGAL: EDIÇÕES ALMEDINA, 2020

ISABELA PEREIRA LOPES*

Há muito tempo não programo atividades para ‘depois’. Temos de parar de ser convencidos. Não sabemos se estaremos vivos amanhã. Temos de parar de vender o amanhã.

Ailton Krenak (2020)

O livro de Boaventura de Sousa Santos trata-se de uma escrita realizada no olho do furacão, no meio de uma pandemia, que até o dia de hoje (17 de maio de 2020), já contabilizou 313 mil mortes, segundo dados oficiais. Vale registrar que apenas no Brasil, no dia de hoje, foram 816 vidas. Vidas “inumeráveis”, conforme nos apresenta o memorial virtual dedicado à história de cada uma das vítimas do coronavírus no Brasil (www.inumeraveis.com.br), mas que o atual governo parece desconsiderar ao nos perguntar: “E daí?”

Boaventura inicia suas reflexões, em boa parte com um aporte teórico de outras reflexões que ele vem fazendo ao longo de sua trajetória acadêmica e pessoal, perguntando-se: “Que potenciais conhecimentos decorrem da pandemia do coronavírus?”

O livro é dividido em 5 capítulos, que serão abordados nessa resenha. O capítulo 1 “Vírus: tudo o que é sólido se desfaz no ar”, o autor começa afirmando que é possível conhecer a verdade e a qualidade das instituições sociais em situações de normalidade e em momentos de crise.

O autor deixa claro o quanto o neoliberalismo, que é a versão dominante do capitalismo, deixa o mundo num crônico estado de crise. Segundo Boaventura, a permanência da crise é algo grave, pois acaba sendo a justificativa para a perda de direitos fundamentais (saúde, educação, previdência, salários).

Para o autor, existem objetivos muito claros para a manutenção permanente da crise: concentrar a riqueza e boicotar medidas que impedem a crescente catástrofe ecológica.

A pandemia atual do coronavírus vem para agravar uma crise crônica mundial que já dura no mínimo quatro décadas. Com isso, muitos países estariam muito mais bem preparados há algumas décadas do que estão hoje. A área da saúde é um grande exemplo disso.

A pandemia tem alvos privilegiados, onde a fragilidade humana é exposta para alguns com uma sensação de segurança. A própria etimologia da palavra “pandemia”, ou seja, “todo o povo” derruba essa frágil segurança.

* Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professora EBTT. Educação Infantil do COLUNI UFF. isabelauff@bol.com.br

Boaventura trás à tona uma das poucas consequências não negativas (já que não podemos dizer que existe algo positivo em uma pandemia) para a totalidade mundial: a diminuição da poluição atmosférica. Seria necessária a destruição maciça da humanidade para evitar a catástrofe ecológica que cada vez mais nos aproximávamos?

Para o autor, métodos de repressão e vigilância são muito mais possíveis de serem eficazes em países antidemocráticos como a China. Mas ao mesmo tempo, em países democráticos a circulação de informações é mais efetiva, mesmo com o grande dificultador que são as chamadas *fake news*.

Vivemos numa sociedade que quer apontar sempre culpados, antes de analisar soluções. Com isso, a cultura chinesa foi demonizada para encontrar a origem do mal. Desse modo, precisamos estar atentos para a irresponsabilidade que é usar termos, tais como “vírus estrangeiro” ou “coronavírus chinês” e também estar cientes de que existe uma guerra comercial entre China e EUA e que a pandemia pode ser o cenário ideal para determinar o vencedor e o vencido.

A pandemia também reforça o que o autor chama de “sociologia das ausências”, pois são muitos os que já eram invisíveis, como os refugiados e imigrantes, por exemplo, e que com a pandemia reforçam sua condição de vulnerabilidade extrema. Boaventura sugere que talvez só seja necessário abrir a janela para ver esses que não são vistos. No Brasil temos observado esses “ausentes” diariamente nas filas da Caixa Econômica Federal, banco que distribui o auxílio emergencial no valor de R\$ 600,00 por mês, durante 3 meses, para a população atingida diretamente pela pandemia.

No capítulo 2 “A trágica transparência do vírus”, o autor inicia afirmando que a pandemia demonstra muito claramente que será o modo como ela for interpretada e avaliada que vai determinar o futuro do nosso planeta.

Para Boaventura, podemos enxergar a pandemia como uma alegoria, na qual o medo generalizado e a morte causada por um inimigo invisível ficam latentes. Mas existem ainda outras nuances por trás da pandemia. O autor utiliza a metáfora do unicórnio, segundo Leonardo da Vinci. O unicórnio é um ser feroz, mas que tem um ponto fraco. Para Boaventura, temos 3 unicórnios: o capitalismo, o colonialismo e o patriarcado. Assim como o vírus, esses modos de dominação são invisíveis, mas onipresentes no cotidiano dos seres humanos. Para Boaventura, só a junção desses unicórnios tem poder para dominar, formam juntos o todo-poderoso.

Boaventura chama atenção para o papel dos intelectuais diante da realidade pandêmica, afirmando que devemos escrever com o mundo e não apenas sobre o mundo, pois acostumamo-nos a ter pensamento extraordinário em tempos comuns. Mas o autor nos desafia a pensar de forma inédita em tempos tão desafiadores, pois a “clareza da pandemia” acaba por criar um véu que nos impede de ler e dialogar com esse mundo tão caótico.

Outro ponto levantado pelas reflexões do livro, nos alerta para o fato de que a democracia corre risco nesse tempo de pandemia, já que o Estado, sob o pretexto de resguardar vidas, acaba tomando medidas extremas de vigilância e controle.

Para Boaventura, a pandemia tem demonstrado que o tempo dos intelectuais de vanguarda findou. Esses intelectuais precisam estar mais conectados com as necessidades do mundo. A edição dessa revista parece ser uma aproximação disso, quando suspendem-se outras discussões para pensar no que tem mobilizado o mundo e que traz repercussão para a educação. Esse abismo entre sociedade e o pedestal onde se encontram alguns intelectuais, acaba por aproximar a população de outros interlocutores que se aproximam de seus anseios, entre eles: lideranças de religiões conservadoras e radicais.

O capítulo 3 “A sul da quarentena” é central, pois faz *link* com reflexões que Boaventura vem fazendo há alguns anos, conhecidas por “epistemologias do sul”

Para o próprio autor “uma epistemologia do Sul assenta em três orientações: aprender que existe o Sul, aprender a ir para o Sul, aprender a partir do Sul e com o Sul” (SANTOS, 1995, p. 508).

O autor alerta para o caráter discriminatório da quarentena, já que existe um consenso do quanto ela é difícil para todos, mas especialmente impossível para um grande grupo, que mantém a segurança daqueles que estão guardados em suas casas.

Nesse capítulo, Boaventura concentra seus esforços em gerar reflexões para um grupo que já era vulnerável e que, com a pandemia, encontram-se ainda mais à margem. Essas pessoas são o que o autor chama de Sul, que como já vimos, não é uma localização geográfica, mas sim um espaço-tempo social, político e cultural. Esses grupos sofrem pela exploração capitalista. O autor destaca apenas alguns poucos grupos: as mulheres, os trabalhadores precários informais (autônomos), os trabalhadores da rua, as populações de rua, os moradores das periferias pobres (favelas), os refugiados, os deficientes e os idosos.

Em cada grupo, o autor vai trazer reflexões atuais que nos alertam para os perigos que a pandemia acentua para eles, entre os mais marcantes: o aumento da violência contra as mulheres, a difícil escolha entre morrer de vírus ou morrer de fome, a quarentena na rua daqueles que já viviam nela e dela, por fim, como manter distância em famílias numerosas que moram em poucos metros quadrados? Como manter a higiene que a pandemia exige se muitos não têm acesso à água? Boaventura, que conhece a realidade carioca de perto, em suas visitas ao nosso país, procura estar próximo de grupos minoritários. Um exemplo recente, foi a roda de conversa que Boaventura realizou no Museu da Maré, um complexo de favelas carioca, em outubro de 2019. Vale registrar que Boaventura visitou pela primeira vez o museu em 2015 e desde então tornou-se um parceiro.

No texto, o autor cita os jovens das favelas do Rio de Janeiro, que em momentos de aparente normalidade, já são impedidos de seus direitos de ir e vir, quando a polícia bloqueia o lazer desses jovens de periferia de frequentar a praia de Copacabana aos domingos. Esses jovens já não estavam em quarentena?

E as crianças, que sem escola, ficam também sem comida? E os deficientes que são submetidos ao capacitismo, ou seja, tem sua mobilidade urbana limitada, o que os impõe a uma permanente quarentena?

Quando reflete acerca dos idosos, Boaventura faz uma valiosa reflexão: “Afim, quem é idoso?” Isso porque as desigualdades sociais podem variar tanto em um mesmo país, dependendo de onde essa pessoa se encontra. O que na Europa pode ser considerado jovem, numa realidade nordestina brasileira, por exemplo, pode ser o limiar da expectativa de vida. Mas mesmo em países europeus, existe um outro problema: dos idosos “depositados” em asilos, que podem ser luxuosos ou depósitos de lixo humano. Esses idosos já vivem em permanente quarentena, mas antes da pandemia, existia uma frágil sensação de segurança. O coronavírus ameaçou essa falsa impressão. Existe um paradoxo, entre os idosos ricos e pobres, os dois poderão morrer pela pandemia, mas quem estará sozinho nesse fim sem que ninguém se dê conta?

Boaventura alerta que a lista do que ele chama de aqueles que estão “a sul da quarentena” é muito maior do que a lista que ele elencou. E a pandemia tem reforçado a condição desses grupos que viviam à margem e se juntado com o pânico daqueles que não estavam acostumados com o limite da fragilidade diante da vida.

No capítulo 4 “A intensa pedagogia do vírus: as primeiras lições”, Boaventura ensaia alguns aprendizados iniciais que podemos ter diante de sua primeiras impressões em plena pandemia. Segundo ele, temos seis lições para ajudar a superá-lo, chamadas de “a intensa pedagogia do vírus”.

Uma primeira lição nos aponta para como a sociedade contemporânea se afeta pelo imediatismo das notícias da pandemia, quando temos outras tragédias que matam tanto quanto o vírus, como por exemplo a poluição atmosférica que mata milhões de pessoas todos os anos, segundo dados da Organização Mundial de Saúde (OMS). Mas essa crise climática não suscita a resposta urgente que a pandemia tem provocado.

Para Boaventura, a pandemia acaba por representar uma auto-defesa do nosso planeta, já que nossa vida humana representa apenas 0,01% da vida planetária que faz parte dela.

A segunda lição é que as pandemias não matam tão indiscriminadamente quanto podemos imaginar, muitos vão morrer porque simplesmente não podem seguir as recomendações da OMS. É morrer ou morrer!

A terceira lição é que o capitalismo não tem futuro como modelo social, já que a pandemia tem provado justamente o contrário do que o neoliberalismo demonizava: que os serviços públicos de saúde são os mais eficazes para diminuir o abismo da desigualdade. A previsão que o autor faz para um pós-crise é de mais austeridade e de nova rodada de degradação dos serviços públicos. Assim o capitalismo precisa ser interrompido.

A lição quatro é a de que a extrema-direita e a direita hiper-neoliberal ficam, a princípio, desacreditadas. Ao citar essa nuance, Boaventura parece falar diretamente do momento político do Brasil, com a manipulação da democracia, o nacionalismo que exclui, a xenofobia e o racismo, o ataque à ciência e à liberdade de expressão, o discurso de ódio, o adversário político visto como inimigo e o uso indiscriminado das redes sociais. “Ocupa um espaço político que (...) lhes foi oferecido pelo fracasso rotundo de governos provindos da esquerda”.

A lição número 5 demarca que o colonialismo e o patriarcado estão reforçando esse momento de crise aguda. Outras doenças matam tanto como a pandemia está matando, mas parece que no continente africano não são notícia para o mundo. Os mais fragilizados são aqueles onde o vírus mata tanto quanto a negligência.

A última lição diz respeito ao regresso do Estado e da comunidade. Temos o Estado, o mercado e a comunidade como os princípios de regulação das sociedades modernas. Nas últimas décadas, o mercado esteve como princípio prioritário. Quase tudo foi privatizado, com isso ficamos à mercê da lógica do mercado.

Para o autor, a pandemia nos ensina da pior maneira. Resta saber se aprenderemos com ela. Essa é a brecha para Boaventura iniciar o último capítulo “O futuro pode começar hoje”, é um sopro de esperança, no qual podemos pensar num futuro que comece agora na pandemia. As pessoas estarão preenchendo os lugares agora vazios e mesmo as rotinas mais pesadas e normais parecerão leves e sedutoras. Mas esse retorno ao “normal” não será fácil para todos, crianças e adultos vão sentir o impacto de todo esse tempo em suspenso. Muitas serão as perguntas, temos um futuro nitidamente incerto.

Todas essas mudanças pós-quarentena vão demandar uma viragem cultural, ideológica e epistemológica que sustente a continuidade de uma vida mais digna para os seres humanos. Pois, para Boaventura, já estamos por cerca de 40 anos vivendo uma quarentena que é política, ideológica e cultural. Vivemos hoje a quarentena dentro de outra quarentena. Talvez tenhamos que superar essa pandemia provocada pelo capitalismo para vencer a pandemia do vírus. O livro de Boaventura é uma leitura indispensável, para que possamos sair desse lugar de angústia coletiva na direção de um plano de ação.

REFERÊNCIAS

KRENAK, A. **O amanhã não está à venda**. Companhia das letras, 2020.

SANTOS, B. S. **Pela mão de Alice**. O Social e o Político na Pós-Modernidade. São Paulo: Cortez, 1995.